

Diário de bordo

# Baixo ganho e baixa autoestima



Roberto Rodrigues\*

**M**AIS UMA vez, o Plano de Safra 2011/2012 deu ênfase à Agricultura de Baixo Carbono, destinando recursos para o financiamento de práticas sustentáveis: 3,15 bilhões de reais, com juros de 5,5% ao ano e limite máximo de 1 milhão de reais por produtor. Também foram agregados dois programas que já existiam no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, mas que agora ganharam maior destaque: o Plantio Comercial de Florestas ou de Recuperação Florestal; e o Programa de Estímulo à Produção Agropecuária Sustentável.

Os recursos disponíveis podem financiar a recuperação de Áreas de Preservação Permanente e também as áreas de Reserva Legal.

O programa tem metas ambiciosas: aumentar de 25 para 33 milhões de hectares as áreas de Plantio Direto; recuperar 15 milhões de hectares de áreas degradadas; aumentar em mais 4 milhões de hectares a tecnologia de Integração Lavoura/Pecuária/Floresta; e expandir de 6 para 9 milhões de hectares a área de florestas plantadas.

O governo brasileiro, com isso, reforça os programas voltados para a sustentabilidade.

Esta ação governamental, na verdade, se insere num conjunto de outras iniciativas que conferem à realidade ambiental brasileira uma qualificação realmente invejável. Em recente artigo, o Dr. Evaristo de Miranda, Doutor em Ecologia e Pesquisador renomado da Embrapa, mostra com abundância de argumentos o fato de o Brasil já ser hoje uma potência ambiental. Seus números são definitivos, e entre eles podem ser destacados os seguintes:

O Brasil tem 2,4 milhões de quilômetros quadrados (88% do seu território) hoje protegidos. É o país com mais áreas protegidas no mundo todo, à frente da China, com 1,6 milhão de km<sup>2</sup>, e da Rússia, com 1,2 milhão, respectivamente 17% e 8% dos territórios totais. Os Estados Unidos, com 1,2 milhão de km<sup>2</sup> protegidos, estão em 4º lugar, enquanto a Austrália, com 730 mil km<sup>2</sup>, vem em quinto. E muitas áreas protegidas desses países são desertos ou cadeias montanhosas inacessíveis, fato que não ocorre no Brasil.

E mais ainda: nossas áreas protegidas já cobrem 54% da Floresta Amazônica brasileira. A própria ONU considera o Brasil como o líder

mundial na criação de áreas protegidas: nos últimos sete anos, cerca de 700 mil km<sup>2</sup> foram criados no mundo todo, dos quais 75% no Brasil.

Esses números devem ser suficientes para mostrar o compromisso brasileiro com a sustentabilidade.

Mas há mais: a Europa tem apenas 0,1% das florestas originais do Planeta; a África tem 3,4%, a Ásia tem 5,5%. O Brasil tem, hoje, 28,3% das florestas originais do Planeta.

Chega? Não: somos o único país que exige 20% a 80% das áreas das fazendas como Reserva Legal. Segundo o Censo do IBGE de 2006, os agricultores brasileiros já têm 858 mil km<sup>2</sup> de florestas, o que equivale a 10% do território nacional. Onde mais isso existe?

Temos ainda a agroenergia, grande responsável pelo diferencial da nossa matriz energética, que tem 47,8% de energia renovável, enquanto o mundo todo tem menos de 20%, e os países da OCDE não chegam a 10%. Só a cana-de-açúcar já vale 18,3% da energia brasileira, maior até que as hidroelétricas, e a palha de cana cortada crua pode valer uma Belo Monte! E há muito mais: somos o 17º país em emissão de CO<sub>2</sub> (só 1,4% do total do mundo), e somos os campeões mundiais da reciclagem.

Tudo somado, já somos os líderes mundiais em economia de baixo carbono. Há um índice, representado pelo quociente entre o total de CO<sub>2</sub> emitido e o Produto Interno Bruto de cada país, que representa a medida de eficiência energético/ambiental dos países na geração de riquezas. Quanto menor o quociente, melhor é o resultado. O do Brasil é 0,24, sendo o 104º colocado do mundo, posição privilegiada.

Portanto, o Plano de Safra vem sacramentar uma inequívoca tendência do agro brasileiro na direção da sustentabilidade, da mitigação do aquecimento global e de sua característica de agricultura de baixo carbono.

Estamos bem na foto. É só olhar para ela com atenção! ■

\*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal